

Foi com um brilho feliz nos olhos que António Filipe Pimentel me anunciou há um ano atrás a disponibilidade de Franco Maria Ricci para apresentar no Museu Nacional de Arte Antiga a sua coleção de arte.

Não era razão para menos. Partilhei de imediato essa alegria, não só pela possibilidade de apresentar em Lisboa a sua faceta de colecionador e através dela a sofisticação e elegância que organizam toda a sua vida, como por podermos encontrar neste projeto uma forma de falar deste homem extraordinário.

Creio poder dizer sem exagero que o universo FMR (a revista mensal de arte editada em 162 números por Franco Maria Ricci a partir de 1982 e entretanto hoje na mão de terceiros) é um dos elementos mais influentes do modo como se organizou a arte da tipografia, da edição, da veiculação da história da arte mas também do modo como se organiza o olhar sobre a arte e o modo como uma revista se pode constituir ela própria em objeto de arte, no último quartel do século XX.

Através da FMR, o seu editor inspirou (nomeadamente, desde a edição nos Estados Unidos, em 1984) os profissionais das artes e os seus amadores (idealmente, será sempre de *indissociar* os dois aspetos, mas eles não estão necessariamente ligados).

O *efeito FMR* não é compreensível sem olhar o percurso do homem no seu amor pela arte tipográfica e por todas as correlações que estabeleceu, na sua inteligência, engenho e excelência, a partir da mesma – o trabalho de design gráfico, o ofício de editor, a convocação de intelectuais, escritores, fotógrafos, historiadores referenciais e que transformaram, que informaram cada edição da FMR com um desígnio de destaque da vulgaridade absolutamente conseguido.

A vontade de distância do vulgar é expressa em Franco Maria Ricci. Creio que devemos tomar este exercício de nobreza não tanto como uma afirmação de Antigo Regime, de manifestação conservadora de um nobre italiano sem descendência, mas como um apelo humano sincero ao melhor que cada um de nós pode fazer, afastando-se da banalidade de quotidianos dominados pela cópia, pelo imobilismo, pelo conformismo.

Franco Maria Ricci criou o seu projeto editorial nos inícios dos anos Sessenta, na forma artesanal, minuciosa, no trabalho infinitamente paciente que promoveu em torno da ressurreição do mestre tipográfico parmesão Bodoni, o grande referencial do fim do século XVIII e da primeira metade do século XIX na Europa, no domínio da arte tipográfica. Como todos os grandes criadores, FMR, a partir da aprendizagem com o mestre, constituiu a sua própria marca.

A apresentação em 1967 da edição facsimilada de *Oratio Domenica* (reprodução do *Pater Noster* bodoniano de 1806) a propósito da alocução de Paulo VI nas Nações Unidas, em Nova Iorque, incluindo textos de Paulo VI e do então Secretário Geral das Nações Unidas, U Thant, é um manifesto amoroso pela arte tipográfica¹. O trabalho de *arqueologia tipográfica*, de minúcia de manufatura, de repetição de gestos e trabalhos de teste e preparação, de reprodução artesanal de métodos de impressão, revelam o modo necessário da pesquisa, do trabalho árduo, da determinação quase obsessiva necessários na criação de homens que se fazem por si próprios - independentemente da área que escolham para a sua construção, das ciências às artes, da política à religião, da vida mundana à ascese.

Foi este exercício denso e laborioso ao longo de duas décadas que propiciaram no início dos anos 80 a divulgação mais generalizada de um modo de olhar o mundo que se identifica com Franco Maria Ricci. A FMR é de alguma maneira uma síntese imperfeita – apesar de poder sem concessões ser declarada como a mais bela revista de arte do seu tempo² e uma referência incontornável em termos históricos – do humanismo deste homem que agora podemos visitar na forma da sua coleção de arte.

Na cidade de Parma, sua terra de origem, mandou Franco Maria Ricci fazer *o maior labirinto do mundo*³ (segundo as suas palavras), obra que quer deixar aos seus conterrâneos. Não está aqui, mais uma vez e só, o desejo de ser o melhor, de fazer

¹ Já assim tinha começado FMR, quando arriscou o que tinha e não tinha ao iniciar o seu trabalho editorial com a monumental reedição facsimilada do *Manual Tipográfico* de 1818 de Giambattista Bodoni dado à estampa em 1965.

² Em que outra revista poderíamos ler um texto de Italo Calvino a falar de botões (Calvino, Italo. *Still life alla maniera di Domenico Gnoli*. FMR nº13, Maio de 1983)?, ter de forma equivalente apresentada a arte antiga, medieval, moderna e contemporânea colocadas todas sobre o preto imperial das suas páginas?, ou apresentar a publicidade de forma gráfica tão rigorosa que até parecia necessário olhar para ela?

³ No qual certamente está invocado o seu amigo Jorge Luís Borges.

melhor – foi o melhor editor, fez a melhor revista de arte, aspirar a fazer o melhor labirinto de todos os labirintos é uma pretensão que não pode ser negada. Está aqui uma mensagem corajosa sobre o poder que temos sobre nós próprios de aspirar a ser melhores e a demonstração de que isso é possível.

Por esta via particular, a da sua manifestação enquanto homem, enquanto artista, enquanto editor, enquanto gráfico, enquanto colecionador, Franco Maria Ricci transmite uma mensagem política sobre o humano – temos a capacidade da excelência e podemos alcançá-la.

É bom receber em Lisboa Franco Maria Ricci. Foi de Lisboa que, como outros jesuítas ilustres, Mateo Ricci, seu antepassado, partiu em 1578 para Goa e depois para Macau e daí para vários territórios chineses, sendo, no início do século XVII o primeiro europeu a ser convidado para a Cidade Proibida e Superior dos Jesuítas na China. O seu trabalho de tradução da cultura chinesa para o Ocidente é contributo maior para a compreensão da cultura chinesa.

Esta exposição, que é uma rara oportunidade de olhar e aprender com um olhar é também uma celebração de um homem magnífico e dificilmente poderia ignorar neste momento esse outro homem extraordinário seu antepassado.

Termino agradecendo a generosidade e abertura de Franco Maria Ricci, que propiciam esta apresentação, a tenacidade e valor de Antonio Filipe Pimentel que hoje aqui nos trazem, a colaboração inestimável de Renato Varriale, Embaixador de Itália em Portugal, que tanto tem contribuído para o conhecimento da cultura italiana no nosso país e para o intercâmbio cultural entre as nossas nações. Agradecimentos também ao Instituto Italiano de Cultura a aos técnicos do Museu Nacional de Arte Antiga pelo seu empenho e pela qualidade que colocam no seu trabalho.

Jorge Barreto Xavier

Secretário de Estado da Cultura

